



Marília Garciaⁱ

paris não tem centro
[ou *passagem de érica zíngano*]

“paris não tem centro”
ela me disse durante
a caminhada
mas eu queria contar
outra coisa
eu queria contar
o que aconteceu ontem
na esq. da rua
notre-dame-de-lorette

eu escrevo em francês
porque eu quero escrever
um poema literal
eu pedi a uma amiga minha
a érica zíngano
para traduzir o poema em port.
nós fizemos um acordo:
é um poema literal
e será uma tradução *literal-*
mente literal

na primeira vez
em que eu estive na França
eu comprei um livro
do Jacques Roubaud
e eu coloquei o livro
do Jacques Roubaud
na minha bolsa
como um tipo de guia

de paris
 e eu fui aos lugares
 que o livro
 do jacques roubaud
 indicava
 eu fui ao 9º arrondissement
 um dos lugares por onde
 ele costuma caminhar
 e eu fui ver
 a gioconda do e. mérou
 não é a gioconda
 que está no louvre
 mas a gioconda "a dois pas-
 sos da sacre-cœur"
 jacques roubaud
 dá as suas instruções
 para ver a gioconda
 do e. mérou:

"os verdadeiros apreciadores
 para ver a gioconda
 não vão ao fim do mundo
 nem mesmo no museu
 do louvre
 eles só vão até a esq. da rua
 rochefoucauld com a
 notre-dame-
 de-lorette
 eles entram no café
 e ela está lá.

[...]

o quadro está na parede
 bege e creme
 e a moldura é bege e creme
 e um pouco alaranjada
 a tela está, inclusive, assinada
 pela mão do artista
 e.
 mérou
 é a gioconda.
 a gioconda do mérou."

assim
 eu decidi ir lá
 mas a minha lembrança

desse dia
não é clara
eu me lembro
de me sentar no café
eu me lembro
de uma senhora mais velha à esq.
que bebia um chá e olhava
o seu gato dentro de uma sacola
eu me lembro
de ter procurado
jacques roubaud
em todo lugar
mas eu não vi
jacques roubaud
em lugar nenhum

no prefácio que roubaud
escreveu
para a ed. francesa das *galáxias*
ele conta que um dia
se despertando
ele abriu a janela do quarto
e ele viu
nesse dia era um dia tão bonito
o sol brilhava
ele olhou pela janela
e ele viu
na varanda do hotel no prédio da frente
haroldo de campos
que estava ali lhe dizendo goodbye

eu sempre sonhei
com esse encontro
nesse dia em que eu olhei
pela vidraça do café
os prédios da frente
talvez
jacques roubaud
ele mesmo
pudesse aparecer
através das janelas do café
numa das janelas do café
"que horas são?"
o quê?
era a sra. à esq.
que me perguntava a hora
eu não sabia

naquele dia eu não vi
jacques roubaud
para mim isso está claro
mas eu não me lembro mais
se eu vi ou não
a gioconda do
e. mérou

se passaram 13 anos
eu estou de novo em paris
estamos no final do ano
dessa vez o leo está comigo
como todos os turistas em paris
a gente quer ver a gioconda
como todos os turistas em paris
a gente vai ver a gioconda
mas não a gioconda do louvre
a gente vai ver a gioconda
do e. mérou
a gente vai ver a gioconda
do j. roubaud

assim
a gente escolhe um domingo
e a gente vai lá
chegando lá eu me dou conta
o café se chama café matisse
para ver a gioconda em paris
aquela do jacques roubaud
era necessário ir até o café matisse
mas nesse domingo
um dos últimos dias do ano
faz frio
e o café está fechado

se passaram 20 dias
2015 já começou
e eu decido ir lá
mais uma vez
eu decido ir lá
caminhando
passeando
com o leo

eu pego uma rua em direção ao norte
de paris
ela está cheia de passagens

eu pego a rua saint-denis
depois o boulevard poissonnière
e o faubourg montmartre
essa rua também está cheia de passagens
eu decido atravessar as passagens
é cedo eu estou passeando
eu vou ter tempo de chegar
no café matisse
eu penso

eu começo a atravessar
as passagens
eu faço um vai-e-vem entre
a passage du grand-cerf
a passage du bourg-l'abbé
a passage du caire
a passage des panoramas
"paris não tem centro"
ela me diz
paris está cheia de passagens

eu escrevo este poema
em francês
porque eu quero escrever
literalmente
eu pedi a uma amiga minha
a érica zíngano
para traduzir o poema em port.
nós fizemos um acordo:
é um poema literal
e será uma tradução *literal-*
mente literal
assim
a gente atravessa juntas
toda essa história
sobre a gioconda

eu estava numa passagem
que se chamava *panoramas*
ela tem várias saídas
mas de repente eu não posso mais
ver a saída
eu estou num outro tempo
eu vejo o hotel chopin
eu vejo um cachorro alado
eu vejo o museu grévin
onde tem um palácio

o palácio das miragens
agora essa cidade é
uma miragem
eu penso agora
eu também me tornei
uma miragem

eu estou passeando
mas eu não sei mais
qual direção tomar
qual é a saída? eu pergunto
onde é
estou numa sensação labirinto
essa passagem está cheia de saídas
alguém me diz
eu estou tentando sair minha sra.
pra onde eu devo ir?
uma outra sra. uma sra.
mais velha de cera
me diz aonde ir e
assim
eu encontro a rua

eu saio
e começou a nevar
faz frio
eu não sei mais onde estou
eu olho no mapa
é engraçado
eu voltei algumas ruas
eu entrei numa passagem
e saí
algumas ruas antes
talvez seja apenas
uma miragem
faz frio agora
neva
e a cidade começou
a ser uma cidade branca
e eu não sei mais
onde nós estamos

talvez seja
por causa do palácio
aquele palácio
das miragens
eu tento encontrar

o faubourg montmartre
para ir mais uma vez
em direção ao norte
eu espero que essa
miragem *literal-*
mente não atrapalhe
meu poema literal

depois de alguns pas-
sos em falso
eu encontro a rua notre-dame-
de-lorette
e eu decido fazer um pequeno
vídeo gravar a subida da rua
notre-dame-de-lorette
eu sou uma turista
eu vou gravar a gioconda
é assim
simples assim

nesse mesmo momento
o leo quer falar comigo
mas ele me olha
e olha para a câmera
e ele não quer falar durante
a gravação
eu lhe pergunto o quê?
e ele diz
eu não posso falar agora
a gente não está sozinho aqui
eu quero saber
o que ele vai me dizer
mas ele não diz
por causa da câmera
a gente sobe a rua
notre-dame-de-lorette
eu gravo as pessoas
os cafés os carros a neve
os prédios
a gente caminha
em silêncio

quando a gente já está
quase lá
no alto em montmartre
a gente chega na esq. da rua
rochefoucauld com a

notre-dame-de-lorette
o café matisse está lá
e o café matisse
está aberto
a gente atravessou a cidade
eu digo

no balcão
duas mulheres nos olham
e elas dizem
ao mesmo tempo
bom-dia
elas são gêmeas?
eu me pergunto
elas são tão parecidas
elas falam juntas
elas têm o mesmo cabelo
bem curto
elas têm o mesmo avental
xadrez
mais uma vez
eu digo leo
elas são gêmeas?
mas ele me olha
sem ter como responder

eu paro de filmar
eu quero lhe perguntar
o que ele queria me dizer
enquanto a gente subia a rua
notre-dame-de-lorette
mas agora
a gente procura a gioconda
e a gente olha as paredes
como detetives
a sala está cheia
de quadros
mas ela não tem
a gioconda
ela só tem
reproduções do matisse
é o café matisse
é evidente
mas a gioconda também
estará ali?
ou nós nos enganamos
de café?

a gente se senta
a gente pede dois cafés
uma das gêmeas
traz os dois cafés
e nos olha
eu quero lhe perguntar
se esse é o café
da gioconda do e. mérou
mas nós somos turistas
eu não quero que ela pense
que nós estamos procurando
a gioconda
eu não posso lhe perguntar

a gente bebe os dois cafés
e eu quero lhe perguntar
onde está a gioconda
eu não quero que ela pense
que nós estamos procurando
a gioconda
mas sim
nós somos turistas
e nós estamos procurando
a gioconda

assim
eu lhe pergunto
e essa sobremesa
de chocolate
ela nos diz
com "creme inglês"?
a gente não sabe o que é
o "creme inglês"
mas a gente quer
com "creme inglês"

assim
vermelha de vergonha
eu lhe pergunto
por favor, sra.
eu tenho uma pergunta
para lhe fazer
existe um poema
que conta que
na esq. da rua rochefoucauld
com a notre-dame-de-lorette

tinha um café
e que nesse café
tinha um quadro
da gioconda
assinado pela mão do artista
e. mérrou
você sabe se é aqui?

ela me olha
ela não entende
muito bem
ela me pergunta
um poema?
e ela me pergunta
é um poema muito antigo?
e eu digo não
é um poema contemporâneo
eu pego o meu celular
e eu mostro o poema
do jacques roubaud
para a gêmea do café matisse
e ela me diz
um instante, por favor
eu vou me informar

ela pega o meu celular
e vai falar com a irmã
ela lhe mostra o poema
do jacques roubaud
no meu celular
elas falam entre elas
elas riem entre elas
e elas nos olham
juntas

ela volta e me diz
sim o café é aqui
e a gioconda estava aqui
mas a proprietária
fez uma reforma
recentemente
ela mudou o café
e transformou o café
no café matisse
com esses matizes
que vocês estão vendo aqui

e por causa disso
ela pegou a gioconda
e levou a gioconda
com ela lá pra cima
onde ela mora

a gêmea disse isso
com um sorriso
e voltou para o balcão

nesse mesmo momento
eu olhei através da vidraça
do café o prédio da frente
e eu vi o haroldo de campos
na varanda do hotel
dizendo goodbye

eu acho que
essa img.
descreve muito bem o que
eu atravessei aqui
enquanto eu escrevia
este poema literal
mesmo assim
eu espero que
essa miragem
não atrapalhe
o meu poema literal
como todos os turistas
de paris
tudo o que eu queria ver
era a gioconda

ⁱ **Marília Garcia** nasceu no Rio de Janeiro, em 1979. É tradutora e autora dos livros *20 poemas para o seu walkman* (Cosac Naify, 2007), *Engano geográfico* (7Letras, 2012) e *Um teste de resistores* (7Letras, 2014). Ganhou o Prêmio Icatu de Artes, que lhe concedeu uma residência na Cité Internationale des Arts, em Paris (2015).